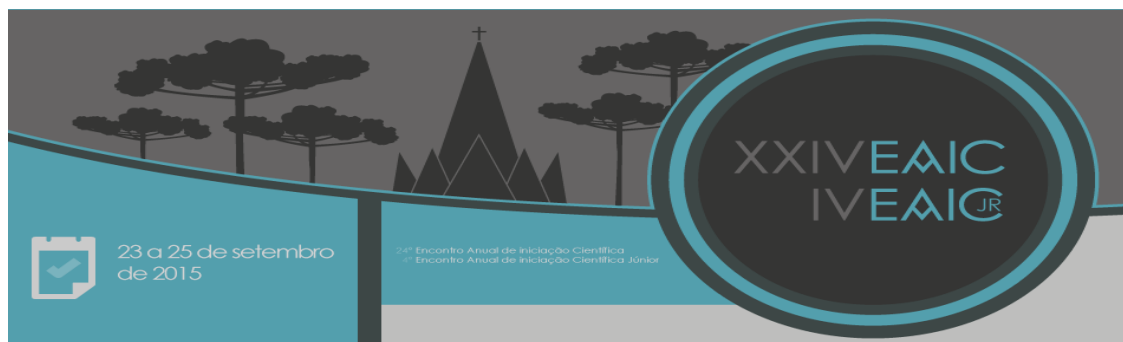




O ARTESANATO EM (DES)ENCONTROS DISCURSIVOS COM O ARTÍSTICO

Bruno Arnold Pesch (PIBIC/CNPq/FA/UEM), Renata Marcelle Lara (Orientadora), e-mail:renatamlara@yahoo.com.br.

Universidade Estadual de Maringá / Centro de Ciências Humanas Letras e Artes/Maringá, PR.

Área: Linguística (8.01.00.00-7)

Subárea: Teoria e Análise Linguística (8.01.01.00-3)

Palavras-chave: Análise de Discurso, arte, artesanato.

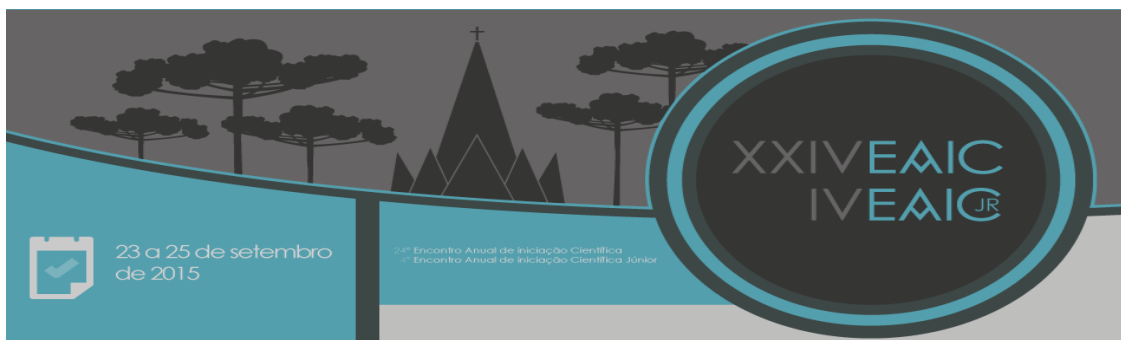
Resumo:

A pesquisa em questão apresenta os resultados do projeto “O artesanato em (des)encontros discursivos com o artístico”, do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica. Formulada nos territórios da Análise de Discurso de linha pecheutiana, o objetivo foi compreender, pelos entremeios dos discursos instituídos/legitimados sobre o artesanato e a arte, a especificidade do artesanato em seus (des)encontros com o artístico. Para tanto, analisou-se dois documentos norteadores para o artesanato: *Base Conceitual do Artesanato Brasileiro* (2012) e o *Termo de Referência: Atuação do Sistema Sebrae no Artesanato* (2010). O percurso investigativo apontou que artesanato é significado, nesses documentos, como um processo e produto cultural (e) comerciável, resultante da prática de/entre sujeitos.

Introdução

Nesta temática, abordamos, os (des)encontros possíveis entre o artesanato e o artístico, por meio de observação teórica e analítica de discursos instituídos e legitimados acerca deles. Estes, realizados por uma abordagem discursiva, com base na Análise de Discurso (AD) francesa, perspectiva de Michel Pêcheux.

Para tanto, objetivamos compreender, pelos entremeios de discursos instituídos/legitimados sobre o artesanato e sobre a arte, a especificidade do artesanato em seus (des)encontros com o artístico. Assim, partimos da



interrogação: *De que forma os sentidos de arte participam ou se ausentam do artesanato, na determinação de sua especificidade?*

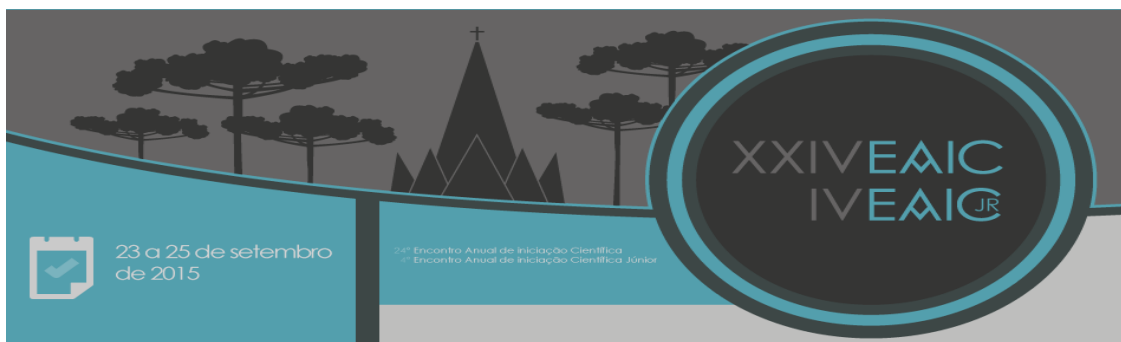
Ao buscarmos compreender os (des)encontros entre o artesanato e o artístico, pelos entremeios de discursos instituídos e/legitimados, utilizamos como referência o pesquisador Néstor García Canclini (1983), que discorre sobre o artesanato e a cultura em uma perspectiva antropológica. Também, para a compreensão do artesanato e da cultura, discursivamente, tomamos como referência um estudo de Bethânia Mariani (2009), no qual a autora aborda a cultura na perspectiva do discurso, com base em algumas menções que Michel Pêcheux faz de cultura em seus trabalhos. Para conhecer como os discursos presentes nos materiais analisados funcionam, recorreremos a Horta Nunes (2009), que investiga discursos dicionarísticos e enciclopédicos.

Materiais e métodos

Como material de análise, foram selecionados dois documentos norteadores para o artesanato. De modo particular, no projeto foi pré-selecionado o documento *Base Conceitual do Artesanato Brasileiro* (2012), este, sob responsabilidade do Governo Federal. Durante o desenvolvimento da pesquisa, decidimos incluir o documento do Sebrae, *Termo de Referência: Atuação do Sistema Sebrae no Artesanato* (2010).

A base conceitual do Governo Federal apresenta definições e parâmetros para atuação do Programa do Artesanato Brasileiro (PAB). Este, instituído pelo “[...] Decreto nº 1.508 de 31 de maio de 1995”, tem como objetivo central, segundo consta no documento, “[...] a geração de trabalho e renda e a melhoria do nível cultural, profissional, social e econômico do artesão brasileiro” (BRASIL, 2012, p. 9).

Assim como a base do Governo Federal, o Termo de referência do Sebrae traz, em seu conteúdo, definições referentes ao artesanato, norteando as ações do Sebrae neste segmento. Segundo informações contidas no próprio documento, em sua primeira versão (2004, p. 11), a elaboração deste Termo é resultado de esforços da equipe responsável, com base em relatórios dos encontros regionais do Programa, realizados em 1999, e em dados levantados em 2003, pelo diagnóstico da situação do Programa Sebrae de Artesanato “nos Sebrae/UFS, sendo validado no encontro realizado em Araxá/MG no período de 7 a 9 de julho de 2003”. A pesquisa, como já explicitado anteriormente, foi realizada por uma abordagem discursiva, baseada na teoria e no método da Análise de Discurso (AD), na linha francesa de seu fundador, Michel Pêcheux. Nosso percurso partiu do levantamento das condições de produção que sustentam possíveis (des)encontros entre arte e artesanato. O percurso analítico, em um primeiro momento, traz um trabalho de identificação de marcas em cada um



dos documentos, que apontavam para regularidades discursivas. O segundo momento, compreendeu a identificação de regularidades comuns em ambos. Essas marcas sinalizam, principalmente, um discurso governamental/empresarial, tendendo ao administrativo e regulatório.

Resultados e Discussão

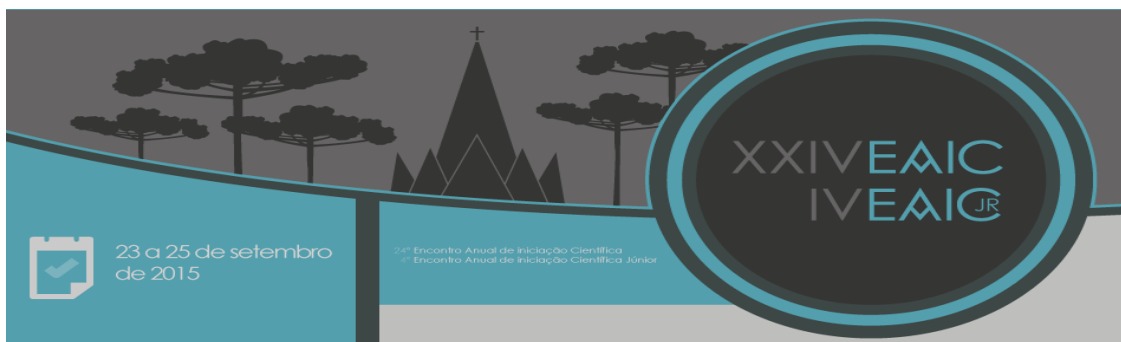
Com base nas condições de produção, notamos que em um determinado momento histórico (Renascimento) sinaliza-se uma mudança social no lugar que o artista e o artesão ocupam na sociedade, sendo atribuído ao segundo aspectos apenas técnicos.

A partir das marcas identificadas nos documentos, observamos que as regularidades discursivas apontam que a base conceitual do Governo Federal e o termo de referência do Sebrae se assemelham a um dicionário/enciclopédia, estando estes relacionados com a fixação e organização dos sentidos, apresentando-os como estabilizados, muitas vezes com “definições” reduzidas. Outra regularidade que notamos diz respeito a estes documentos estarem relacionados, explicitamente, ao viés econômico, por mais que eles mencionem que o artesanato esteja relacionado com manifestações culturais e tradicionais.

Pela análise discursiva, observamos que mesmos discursos que buscam a fixação de sentidos, apresentando-os como estabilizados, como dicionários e enciclopédias, são realizados de uma determinada posição-sujeito, sendo esta sempre uma entre outras possíveis. Assim, Nunes (2009, p.99), ao abordar sobre a definição dicionarística como fato social, afirma que ela “está necessariamente relacionada à alteridade, à história e ao equívoco”. Pelo fato de o artesanato ser tanto cultural como também processo e produto comerciável, trata-se de prática que não pode ser dissociada, conforme Mariani (2009 p. 45), “dos modos sócio históricos de produção, reprodução, resistência e transformação dos sentidos”. Dessa maneira, arte e artesanato são resultantes da prática de sujeitos entre sujeitos, do lugar e da formação histórica.

Conclusões

O percurso teórico analítico apontou que a *Base Conceitual do Artesanato Brasileiro* (2012) e o *Termo de Referência: Atuação do Sistema Sebrae no Artesanato* (2010) regulam, administram e “definem” o artesanato e a atuação dos programas. Contudo, discursivamente, o artesanato é significado como processo e produto de caráter cultural e comerciável, estando este relacionado a um processo de construção sócio-histórico.



Agradecimentos

Agradeço à Fundação Araucária, por fomentar a realização desta pesquisa, que envolve questões importantes à postura diante da(do) arte(sanato). À minha orientadora, Profa. Dra. Renata Marcelle Lara, por ter me apresentado a Análise de Discurso, pelo zelo, exigência e dedicação com que conduziu esta pesquisa. Aos professores e colegas do curso de Artes Visuais da UEM, pelas contribuições (*in*)diretas no decorrer da pesquisa.

Referências

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio exterior. **Base conceitual do artesanato brasileiro**. Programa do Artesanato brasileiro. Brasília, DF, 2012.

CANCLINI, N. G. **As culturas populares no capitalismo**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

MARIANI, B. Sujeito e discursos contemporâneos. In: INDURSKY, F.; FERREIRA, M. C. L.; MITTMANN, S. (Orgs.). **O discurso na contemporaneidade: materialidades e fronteiras**. São Carlos: Claraluz, 2009. p. 43-52.

MASCÊNE, D. C. **Termo de referência: atuação do sistema Sebrae no artesanato**. Brasília: SEBRAE, 2010.

NUNES, J. H. Discursividades contemporâneas e dicionário. In: INDURSKY, F.; FERREIRA, M. C. L.; MITTMANN, S. (Orgs.). **O discurso na contemporaneidade: materialidades e fronteiras**. São Carlos: Claraluz, 2009. p. 99-106.